

O Pároco

Para ser concreto, neste trabalho, fundamentar-me-ei em experiências pessoais. Qualquer referência a pessoas e factos é absolutamente verdade.

Primeira experiência (negativa): na missa exequial do pai de um amigo, oiço cantar o Pai Nosso sobre a melodia de Simon e Garfunkel (*The sound of silence*), que todos conhecem como coluna sonora do filme *The Graduate* (com Dustin Offmann).eu que estou a concelebrar, sinto-me que apunhalado à traição, mas naquele momento da missa tenho que ficar no altar e engolir o sapo,(outras vezes, em circunstâncias semelhantes, retirei-me), pensando na paciência de Jesus crucificado entre dois ladrões, poderia e deveria também eu exercitar um pouco a misericórdia. O grave inconveniente, contudo, permanecia e como tal eu continuava a percebê-lo A decepção nasceu em mim quando vim a saber que o pároco daquela igreja e principal celebrante era, a seu modo, um perito em liturgia, licenciado numa famosa Escola do Norte.

Segunda situação (positiva) e segunda experiência. Uma paróquia tinha-me solicitado musicar o hino de S. André para coro a quatro vozes e órgão, o que fiz com prazer. No dia da execução (30 de Novembro, dia ferial) fui convidado para ir à missa solene. Era quase noite. Coloquei-me entre os fiéis que enchiam a igreja. Uma missa exemplar com o canto do povo, da *schola* e do celebrante: tudo bem articulado. O meu hino foi executado pelo coro no fim da celebração: ninguém (mesmo ninguém) se movimentou para sair só no final do hino, após os últimos acordes do órgão, a assembleia começa a sair ordenadamente. Ninguém a tinha convidado a permanecer, nenhum dos fiéis sabia que esta era a primeira execução (o que poderia justificar alguma curiosidade em alguns, pelo menos). Perante a minha surpresa, disseram-me:öMas aqui estão habituados a fazer assimö.

Há 30 anos que o velho pároco os havia educado naquele estilo de canto participado ou ouvido, e antes dele também o seu antecessor durante décadas.

Duas situações, dois extremos e uma primeira conclusão: tudo depende do pároco. O pároco na sua comunidade é um monarca, pelo enorme poder e pela grande responsabilidade: mesmo em questões de liturgia e de canto tanto pode construir uma igreja, dar-lhe um rosto em vez de outro, como demoli-la ou desfigurá-la.

Depende das suas convicções e da sua capacidade pedagógica. Capacidade e método que, no entanto, devem surgir da realidade da Eucaristia, verdadeiro e único centro dinâmico da vida cristã, em volta da qual se desenrola a liturgia e para a qual a música litúrgica é composta e executada. A este propósito Bento XVI, com a exortação *öSacramentum caritatisö*, abriu-nos panoramas imensos e deu-nos critérios indiscutíveis. Tudo tem a medida da grandeza do sacramento da Eucaristia, ao qual o papa, em primeiro lugar, ergue um poema apaixonado.

Da realidade eucarística deriva a arte da pastoral em geral, e da arte de celebrar (*ars celebrandi*) em particular: os gestos litúrgicos apropriados, a beleza da arquitectura e das artes visuais e as próprias regras do canto que, entre todos os elementos ocupa òum lugar importanteö.

Tudo está medido a partir da grandeza do sacramento: também a música. A música sacra deve brotar da adoração, antes das considerações estéticas pessoais.

E com a melhor música de adoração, também se partilha o sentir, a comunhão e a caridade. Tudo a partir da contemplação do mistério.

Nós gostamos dos nossos párocos, que fique muito claro, e não estamos aqui para dar conselhos baratos, certamente não desejados, e muito menos com o gosto perverso de criticar. Compreendemos a pressão diária de infundáveis preocupações e problemas; podemos perceber que a necessidade de atender a todos e articulá-los em harmonia, os obrigue a algum compromisso inocente, especialmente no início das situações.

Gostaríamos que tivessem objectivos e métodos claros para chegar à escolha ideal de cânticos, sem considerar definitivos certos desleixos e anomalias que satisfazem e insatisfazem ao mesmo tempo.

Não gostamos da arrogância daqueles sacerdotes que, como ditadores, se colocam acima das regras, humilhando e afastando os colaboradores; com a desculpa de que o povo deve cantar, fazem guerra aos grupos corais, sem sequer imaginar que as duas realidades ó dois ministérios ó podem e devem agir em conjunto, com funções diferentes.

Não entendemos a falta de sensibilidade para ignorar os que na comunidade se sacrificam durante meses a preparar uma liturgia digna. Dizer obrigado aos cantores, pelo menos no Natal, é educação elementar, é o primeiro passo para um diálogo recíproco produtivo, pelo qual os directores e os cantores são ajudados a desempenhar com alegria e perfeição o seu serviço.

Não entendo as afirmações de alguns párocos originais como:öEu gosto dos bongosö. Mesmo que fossem violinos, sabemos que a abordagem correcta para a liturgia não está dependente da sensibilidade individualista.

Aqui, uma eventual ditadura paroquial seria desastrosa.

Nós pensamos naqueles corajosos párocos que sabem ser profetas, contrapondo-se com as suas escolhas inteligentes aos usos da moda, chegando a ser modelos para as paróquias vizinhas. Mas devem ter ideias claras,

determinação no modo de as executar, autoridade cultural para torná-las aceitáveis para os refractários.

Se não são profetas, são ao menos organizadores atentos da sua paróquia:

-promovendo e cultivando todos os possíveis ministérios litúrgicos (leitores, salmistas, organistas, animadores, grupo coral, acólitos e pequenos cantores). Basta pensar ó por exemplo ó nos salmistas, tão importantes e tão difíceis de conseguir, se não são procurados e não lhes for garantida a formação mínima.

Pensemos no organista: um bom colaborador no órgão não cai milagrosamente do céu; temos de o formar, acarinhar, gratificar com uma compensação justa.

Pensemos nos pequenos cantores: já é difícil hoje reunir um grupo de rapazes, ocupadíssimos como andam e distraídos por tantos atractivos! Se depois são deseducados com canções sem gosto, nem litúrgicas nem musicais !

- reconhecendo ao órgão o lugar de honra, providenciando a sua construção quando não existe ou a restauração se precisar. Não sustentar indefinidamente a desculpa de que primeiro está o tecto da igreja ou o campo de jogos! quando sabemos que onde o pároco quer, o órgão é construído e o dinheiro aparece. E, ainda em relação ao órgão, seja-me permitido recordar que é um crime mesmo perante o património nacional, vender ou fazer desaparecer o ferro velho um órgão antigo e substituí-lo por um moderno electrónico cheio de botões coloridos.

- assegurando um repertório paroquial sério, programado e apropriado a todas as exigências celebrativas, de acordo com as propostas diocesanas e nacionais. Alguns começam a perguntar se não pode considerar-se pecado de desobediência ignorar sistematicamente as sugestões dos repertórios propostos pelo SNL ou o repertório apresentado pelas Comissões Diocesanas da própria diocese. Mas para além das fontes a que se pode recorrer, o problema é sobretudo a cobertura de todas as celebrações litúrgicas. Por outras palavras, há um canto baptismal para a celebração colectiva do primeiro sacramento? A comunidade reconhece um cântico para a celebração da Confirmação, um hino de acção de graças para o final do ano e outras circunstâncias semelhantes? Preocupa-se com a catequese quaresmal a partir de um cântico novo, bem assimilado no texto e bem assimilado captado na melodia?

Os párocos com os seus colaboradores, para além dos necessários convites à participação dirigidos aos fiéis, nunca pensam que no missal existem há séculos melodias também para eles, com as quais se entoam as orações, os prefácios, etc. ? Por que razão persiste tanto mutismo entre os celebrantes? Por que é que os fiéis devem cantar, se os sacerdotes não dão o exemplo fazendo a sua parte?

- Saber construir juntos, saber olhar cada vez mais para o que é melhor, ouvindo a sabedoria tanto do grupo litúrgico como a opinião do último paroquiano; ter a coragem de envolver no projecto musical um profissional como o organista, ouvindo-o atentamente, ao menos como se consulta o arquitecto antes de restaurar a capela de S. Rita.

Causa dor ver como são tratados estes músicos paroquiais, como se fossem as últimas rodas da carroça, humilhados por terem de acompanhar cantos sem arte, escolhidos unilateralmente por qualquer incompetente. Também estes são mártires da fé, se tiverem a coragem para continuarem ao órgão.

O pároco continua a ter um papel fundamental em todo este processo; o rosto espiritual da comunidade paroquial, em última análise, é moldado pelo estilo do pároco. E a pedra de toque para um inquérito sobre a saúde da paróquia, poderia ser mesmo o canto litúrgico.

A experiência ensina que, quando se canta como se deve ser, também o resto funciona bem. Inversamente, quando a música é negligenciada e considerada não importante, zero zero, apercebe-se que tantas outras coisas não vão bem na paróquia. O descuido da música nas celebrações é muitas vezes o último elo de um desleixo generalizado.

Para concluir, voltemos a Franz Xaver Witt (1834-1888) que outras vezes trouxemos à ribalta. Ele dirigia-se ao director do coro; permitimo-nos usar as suas palavras e dirigi-las ao pároco que, nas actuais condições religiosas tão diversas das do século XIX, é o verdadeiro responsável pelo que acontece na sua igreja: "Se se quer uma música digna, é preciso dar-lhe maior importância; então irá melhorar".

Por outras palavras: se queres uma bela liturgia e nela uma boa música, antes de mais convence-te disso e depois toma as medidas adequadas.

Valentino Donella

In *Bolletino Ceciliano*, 2007, nº 11